



TELEVISÃO

FORMAS AUDIOVISUAIS DE
FICÇÃO E DOCUMENTÁRIO

Dilma Beatriz Rocha Juliano
Gilberto Alexandre Sobrinho
Miriam de Souza Rossini
[ORGANIZADORES]



Editora Unisul

coleção
linguagens

TELEVISÃO

FORMAS AUDIOVISUAIS DE
FICÇÃO E DOCUMENTÁRIO

TELEVISÃO

FORMAS AUDIOVISUAIS DE FICÇÃO E DOCUMENTÁRIO

**Dilma Beatriz Rocha Juliano
Gilberto Alexandre Sobrinho
Miriam de Souza Rossini**

[ORGANIZADORES]



Editora Unisul

coleção
linguagens

Sebastião Salésio Herdt

Reitor

Mauri Luiz Heerd

Vice-Reitor e Pró-Reitor de Ensino, Pesquisa e de Extensão

Mirian Maria de Medeiros

Secretária-Geral da Reitoria

Willian Máximo

Chefe de Gabinete

Valter Alves Schmitz Neto

Pró-Reitor de Operações e Serviços Acadêmicos

Luciano Rodrigues Marcelino

Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional

Heitor Wensing Júnior

Diretor do Campus Universitário de Tubarão

Hércules Nunes de Araújo

Diretor do Campus Universitário da Grande Florianópolis

Fabiano Ceretta

Diretor do Campus Universitário UnisulVirtual

Ildo Silva da Silva

Assessor de Promoção e Inteligência Competitiva

Lester Marcantonio Camargo

Assessor Jurídico



Editora Unisul

Laudelino J. Sardá

Diretor

Alessandra Turnes

Assistente Administrativa e financeira

Vivian Mara Silva Garcia

Assistente Editorial

Suzane Nienkotter

Assistente de Logística e de Vendas

Elóy Simões e Robson Galvani Medeiros

Assistentes de Marketing

Ofício (officiocom.com.br)

Editoração

Dilma Beatriz Rocha Juliano e

Fábio José Rauem

*Revisão ortográfica,
gramatical e metodológica*

-
- T28 Televisão : formas audiovisuais de ficção e documentário /
Dilma Beatriz Rocha Juliano, Gilberto Alexandre Sobrinho, Miriam de
Souza Rossini (Organizadores). - Palhoça : Ed. Unisul, 2013. 205
p. : il. ; 21 cm. - (Coleção Linguagens ; 3)
Bibliografia: p. 200-201.
ISBN 978-85-8019-060-1
1. Televisão. 2. Comunicação de massa – Aspectos sociais. I. Juliano,
Dilma Beatriz Rocha, 1960-. II. Alexandre Sobrinho, Gilberto,
1973-. III. Rossini, Miriam de Souza, 1965-. IV. Título.
CDD (21. ed.) – 302.2345
Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária da Unisul
-



**Programa de Pós-graduação
em Ciências da Linguagem**

Universidade do Sul de Santa Catarina
Av. José Acácio Moreira, 787 – Dehon
88.704-900 – Tubarão – SC
[linguagem.unisul.br/paginas/ensino/
pos/linguagem/base.htm](http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/base.htm)



**Instituto de Artes
Universidade Estadual de Campinas**

Cidade Universitária "Zeferino Vaz"
Rua Elis Regina, 50, Barão Geraldo
13083-970 – Campinas – SC
www.iar.unicamp.br



**Programa de Pós-Graduação
em Comunicação e Informação**

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Rua Ramiro Barcelos, 2705 –
90.035-007 – Porto Alegre – RS
www.ufrgs.br/ppgcom



Diretoria Socine (2012 – 2013)

Presidente: Maria Dora Genis Mourão, ECA-USP
Vice-presidente: Anelise Corseuil, UFSC
Tesoureiro: Maurício Reinaldo Gonçalves, UNISO
Secretária: Alessandra Soares Brandão, UNISUL



Mercado audiovisual gaúcho: cinema e televisão na perspectiva dos profissionais

.....
Miriam de Souza Rossini

Fatimarlei Lunardelli
.....

Introdução

Partindo de entrevistas com profissionais que realizam ficções e documentários para o Núcleo de Especiais da RBS, este capítulo pretende discutir as possibilidades e dificuldades verificadas no trânsito entre cinema e televisão no Rio Grande do Sul. O texto é resultado da pesquisa *Convergência entre imagens audiovisuais: marcas narrativas, estéticas e mercadológicas no cinema gaúcho*, desenvolvida junto ao PPGCOM/UFRGS e financiada pelo CNPq.

Finalizam-se, assim, as discussões feitas no Seminário Temático: Televisão – formas audiovisuais da ficção e do documentário, quando foram apresentadas as características temáticas e de produção de dois programas televisivos veiculados na RBS TV: *Histórias Curtas* e *Curtas Gaúchos* (em 2010), e as dificuldades de produção para a grade televisiva a partir da categoria duração (em 2011). A intenção agora é explorar as entrevistas realizadas ao longo de 2011 e que ampliaram as perspectivas de compreensão desse processo de produzir para o cinema e a televisão.¹ Os entrevista-

¹ As entrevistas foram realizadas em conjunto pelos membros da equipe: os alunos do curso de Comunicação da Fabico, Álvaro Bernardes (PIBIC-UFRGS) e Júlia Zortéa (PBIC/CNPq), e a mestranda do PPGCOM Ana Maria Acker.

dos foram escolhidos entre aqueles que tivessem participado tanto de edições anteriores do *Histórias Curtas* (Edital da RBS), quanto do *Curtas Gaúchos* (filmes escolhidos entre os realizados no Estado para serem exibidos na grade da TV).

Foram entrevistados: Claudinho Pereira, Boca Migotto (roteiro e direção), René Goya Filho, André Costantin (roteiro, documentário e edição) e Vicente Moreno (roteiro, direção e edição); Pablo Chasse-raux e Juliano Lopes (direção de fotografia); Gabriela Bervian (desenho de som); Eduardo Antunes (direção de arte); Jéssica Luz (produção) e Alfredo Barros (edição). Procuramos mesclar profissionais mais antigos no mercado e outros mais novos para ter um panorama que também é geracional. Entrevistamos, ainda, o diretor do Núcleo Gilberto Perin para ter uma visão desde dentro da RBS.

O Núcleo de Especiais da RBS foi idealizado pelos jornalistas Raul Costa Jr., Alice Urbin e Gilberto Perin, no final dos anos 90, para ocupar uma janela vaga na grade de programação da RBS TV nos sábados à tarde. A equipe propôs a veiculação de quatro curtas gaúchos, escolhidos entre os mais populares e premiados do Estado. O sucesso da iniciativa resultou na exibição de mais 76 filmes. Após esgotar-se o material disponível e adequado para o horário, passou-se para uma etapa de produção própria, visando preencher aquele espaço então conquistado para o audiovisual no Rio Grande do Sul. O primeiro programa veiculado, em 31 de julho de 1999, foi a série *20 Gaúchos que marcaram o Século XX*. Desde então, aqueles vinte minutos semanais na grade, no horário do meio-dia, consolidaram-se como espaço regional de produção de dramaturgia ficcional e documental.

As vozes dos realizadores

É histórica a proximidade de produção entre cinema e televisão no Rio Grande do Sul. Começa com o teleteatro na TV Piratini, inaugurada em 1959, e desenvolve-se ao longo das décadas com profissio-

nais que circulam entre os meios audiovisuais, produzindo cinema, televisão, publicidade. Um exemplo é a Cinematográfica Leopoldis-Som, empresa que há várias décadas trabalhava com filmes institucionais, cinejornais, e que nos anos 60 ampliou suas atividades para incorporar também a produção de publicidade para a televisão. (PÓVOAS, 2007).

Essa dinâmica de funcionamento, marcada por uma interação singular entre roteiristas, atores, diretores, técnicos etc., deve-se às dimensões restritas de um mercado regional. Com a criação do Núcleo de Especiais da RBS, conforme se percebe pelos relatos dos nossos entrevistados, tal convergência é potencializada pela regularidade de produção e exibição dos produtos.

O caso exemplar é o de Claudinho Pereira, o mais antigo entre os colaboradores do Núcleo de Especiais da RBS. Tem 65 anos (nasceu em 1947) e é um produtor cultural multimídia. Começou pela música, sendo o primeiro disc-jockey da cidade, nos anos 60. Formado em Jornalismo pela UFRGS, atuou em várias emissoras de televisão como produtor e diretor, além de acumular experiência em curtas-metragens para o cinema.

Na sua trajetória já se percebe que esse trânsito entre o campo do cinema e o da televisão é espontâneo. Sua permanência no mercado, aliás, deve-se a sua flexibilidade. Uma delas é a capacidade de se integrar às novas gerações, egressas dos cursos de audiovisuais universitários:

Às vezes, meus colegas mais antigos falam: 'Pô, a RBS só quer botar gurizada, não nos bota'. Há colegas meus das antigas que não evoluíram. Eles têm uma maneira de fazer a coisa que, se ficar, será sempre a mesma coisa. Essa gurizada, não, está trazendo uma experiência da graduação e o sangue novo, porque tu só mexes com a imagem quando é novo, aí tu fazes as experiências mais estapafúrdias que eu não teria coragem de fazer. Eles fazem e está certo, eles descobrem um novo olhar. (ROSSINI; SOARES; BERNARDI, 2011).

Percebe-se uma combinação entre a continuidade e a consolidação da produção de teledramaturgia no Rio Grande do Sul, que se combina com o surgimento dos cursos de graduação em audiovisual. O primeiro, criado em 2003, foi o Curso de Realização Audiovisual da Unisinos, e dessa primeira turma, só entre os entrevistados, temos três ex-alunos que são profissionais de projeção no mercado.

O Núcleo, como dissemos, vem consolidar esses trânsitos ao aglutinar profissionais de diferentes gerações. A produtora Jéssica Luz, o diretor e roteirista Vicente Moreno e a diretora de som Gabriela Bervian apontam o papel significativo do Núcleo de Especiais em suas trajetórias, e o modo como ele auxiliou em suas inserções no mercado profissional.

Já na faculdade, Gabriela Bervian começou a trabalhar com televisão, integrada ao projeto da minissérie *O Segredo* (2004), coprodução entre Brasil e Portugal para a Rede de TV Portuguesa (RTP). A minissérie, dirigida pelo português Leonel Vieira e pelo gaúcho Paulo Nascimento, contava na equipe com membros que eram professores do curso de cinema da Unisinos. Também em 2004, antes de sair da faculdade, ela participou da equipe do curta *Onde deu pra Chegar de Bicicleta* (2005, de Frederico Pinto), que foi seu primeiro *Histórias Curtas*. Desde então, é presença constante em uma grande diversidade de produtos, inclusive por ter escolhido um segmento de trabalho com demanda reprimida, que é o som. Reconhece o papel da RBS:

Eu acho que é uma porta, de início mesmo. Quando tu sai da faculdade, a primeira coisa quase que alguém pensa é: “ah, vamos escrever um projeto para o *Histórias Curtas*.” Eu acho que independente de a pessoa se formar ou não na faculdade, até porque isso é bem recente, é um espaço, porque a gente não tem muito espaço aqui no Rio Grande do Sul pra fazer cinema. Tem o edital do Fumproarte, que antes eram dois por ano, agora é um só; têm os editais nacionais, do MinC, da Petrobrás, mas que normalmente entram uns vinte paulistas e dois gaúchos, por exemplo. Têm as leis de incentivo que também são difíceis, pois as empresas, até por falta de conhecimento, de saber o quanto elas podem incentivar sem gastar, acabam não participando. Então, eu

acho que as pessoas aproveitam muito esse espaço que a RBS dá pra fazer o seu cinema. Por isso que eu acho que o Núcleo acaba tendo uma linguagem um pouco mais cinematográfica, porque são pessoas que gostariam de estar fazendo cinema, e que o fazem ali. (SOARES; BERNARDI; ROSSINI; 2011).

Esse depoimento corrobora aspectos verificados ao longo da pesquisa, que é a concretização através da televisão da possibilidade de se fazer cinema no Rio Grande do Sul. Por isso, o Núcleo é, ao mesmo tempo, janela de lançamento para as novas gerações e de visibilidade para aqueles profissionais já estabelecidos.

Nesse espaço restrito, Jéssica Luz optou pela área da produção. Ainda na faculdade fez estágio no curta *Reencontro* (2005, de Ronaldo Sant'Anna), que a levou a candidatar-se a uma vaga de produção no Núcleo de Especiais. Durante dois anos atuou na produção de uma grande diversidade de projetos e saiu para fundar com colegas da faculdade a Besouro Filmes. Passou, então, a concorrer aos editais do Projeto Histórias Curtas (*As férias de Lord Lucas*, 2008, de Tatiana Nequete; *Dona Herta*, 2011, de Luis Mário Fontoura; *Folha em Branco*, 2011, de Luli Gerbase etc.). O depoimento refere ao seu início profissional:

Pra mim foi essencial. Quando eu entrei direto nos Especiais, eu conheci muitos diretores, muitos produtores, porque a produção de lá, agora mais do que nunca, ela é muito terceirizada. Eles chamam quase todo mundo de fora e a produção de base é da TV: equipamentos de câmeras, cinegrafistas e operadores de áudio são da TV. Muitas vezes a montagem é feita lá dentro, mas normalmente eles terceirizam toda a equipe técnica e a criativa também. [...]. E o mais legal, o mais importante é que o teu produto é veiculado, pois esse é o grande problema de quem trabalha com cinema. [...] os Especiais da RBS TV te dão essa oportunidade, de tu fazer um filme e ele ir ao ar. Tanto que *As férias de Lord Lucas*, nosso primeiro *Histórias Curtas*, como produtora - daí já independente da RBS -, foi uma oportunidade maravilhosa. Por que quem nos daria a oportunidade de mostrar nosso trabalho na TV, se a gente estava recém começando? (SOARES; BERNARDI; ACKER; ROSSINI, 2011).

Vicente Moreno é roteirista, diretor e montador e exemplo da integração geracional e dos trânsitos naturalizados entre cinema e tele-

visão no Estado. Ele começou a partir do contato com os professores no curso, tornando-se assistente de direção de Gilson Vargas na produtora Clube Silêncio, que já desenvolvia projetos para o Núcleo de Especiais. Dirigiu os curtas *Sem Sinal* e *Mãos Dadas*, ambos pelo *Histórias Curtas*, da RBSTV; foi professor do Curso de Especialização em Cinema da Unisinos e atualmente integra o corpo docente do Curso de Realização Audiovisual onde se formou. Ele explica, a partir da própria experiência, como o Projeto Histórias Curtas beneficia as novas gerações:

Os filmes feitos para o *Histórias Curtas*, para mim, serviram como uma forma de voltar a dirigir. Desde que eu saí da faculdade não estava mais dirigindo; fazia assistência, roteiro e montagem. Para dirigir tem que ganhar um Fumproarte, MinC, Petrobras, ou pegar dinheiro do teu bolso e pagar a equipe, ou fazer de graça. O *Histórias Curtas* acaba sendo uma alternativa rápida e direta, é um concurso que tem relativamente poucos concorrentes pelo número de vagas. São 40 e poucos inscritos e saem oito premiados, isso é relativamente pouco. Há uma possibilidade alta de tu já dirigires um produto e, principalmente, vai ter uma visibilidade bem boa. Às vezes, a gente faz um curta para cinema, pensando na janela de festivais, e o público de festivais é bastante restrito. (SOARES; BERNARDI; ROSSINI, 2011).

Em decorrência da necessidade de um volume de produção que é característico da TV, o espaço da grade ocupado pelo Núcleo de Especiais opera como um catalisador de tudo o que há no mercado audiovisual regional. Verifica-se uma convergência que não é apenas geracional, como indicaram os depoimentos, mas que é também da diversidade de origem desses profissionais.

O documentarista André Costantin é jornalista com experiência acadêmica e de televisão. É professor na Universidade de Caxias do Sul, onde também é diretor de programação da TV Universitária. Através de sua produtora, Transe, desenvolve produções independentes e, a partir de um convite de Gilberto Perin para dirigir um episódio do projeto Histórias Extraordinárias, passou a ser um colaborador constante. Ele tem uma opinião sobre a originalidade do Núcleo:

A experiência do Núcleo de Especiais da RBS é quase única numa rede de televisão tão rígida como é a Globo. É uma experiência única e brilha aos olhos das pessoas de outros Estados saberem que tem produtores independentes fazendo ficção, dramaturgia, documentários e especiais. É realmente incrível. E nisso se produz e se mostra uma riqueza de materiais. Histórias Extraordinárias, por exemplo, que mostra o folclore das pequenas localidades, foi uma “ganhada” muito grande. Então, eles conseguem também ter a presença comercial e sustentar essa experiência ao longo dos anos. (SOARES; BERNARDI; ROSSINI, 2011).

Ao mesmo tempo, porém, que há uma concordância sobre essa importância aglutinadora do Núcleo, as entrevistas também permitiram perceber as tensões que surgem em decorrência da diversidade. Afinal, se há espaço na grade, ele precisa ser preenchido! Em quatorze anos de existência, foram experimentadas diferentes estratégias para conciliar a multiplicidade de experiências profissionais a fim de atender às necessidades da emissora na realização dos produtos dramaturgicos exibidos na sua grade. (ROSSINI, 2011). Nas produções com a RBS, atualmente, há duas formas principais de formação das equipes: o realizador tem sua equipe e utiliza equipamento próprio, ou ele tem sua equipe, mas também utiliza a estrutura e os técnicos da RBS TV.

Essa questão pode ser observada no depoimento de Pablo Chasseraux, um paulista formado em cinema na FAAP e que acabou encontrando o seu lugar em Porto Alegre. Ele tem experiência em publicidade e, em 2007, fez o primeiro *Histórias Curtas*: o filme *Gaúchos Canarinhos*, pela produtora Estação Elétrica, com René Goya Filho. Desde então, acumula mais de 50 trabalhos com a RBS, na condição de fotógrafo em diferentes modalidades: convidado pelo diretor, pela RBS ou indicado para compor equipes. Segundo Chasseraux:

Dentro dessa equipe dos técnicos do Núcleo há a hierarquia deles, e alguns diretores têm dificuldade de trabalhar com isso ou até fotografar, porque não é uma equipe subordinada a ti, é uma equipe que trabalha junto contigo, diferente do mercado que tem os diretores e a sua equipe. [A equipe dos técnicos da RBS é composta por] um cinegrafista, um motorista assistente de câ-

mera, um motorista assistente de áudio e normalmente um terceiro motorista que fica mais ajudando a produção. Normalmente são cinco pessoas, de três a cinco que sempre têm o cinegrafista como o chefe dessa equipe. [...]. A gente trabalha muito junto, já tem uma intimidade, eu sei como cada um deles funciona; eles trabalham super bem, mas a dinâmica é um pouco diferente do mercado. Não é nem melhor nem pior, é só diferente. Eles têm uma força muito grande dessa união deles, fica claro que é uma equipe dentro de uma grande equipe. (SOARES; BERNARDI; ROSSINI, 2011).

Outra tensão verificada a partir das entrevistas é relativa à especificidade do prazo de produção do produto televisivo. Dentro da cadeia de produção audiovisual, as etapas de finalização tendem a sofrer um alto grau de pressão e um dos profissionais que aprendeu a lidar com isso é o montador Alfredo Barros. Formado em Comunicação na UFRGS, começou como assistente de direção no curta *O Oitavo Selo* (1999, de Tomás Creus), que o levou à produtora cinematográfica Casa de Cinema e ao trabalho como montador do programa *Cena Aberta*, feito para Rede Globo, em 2003. Começou na RBS, integrando a equipe do episódio *De 10 a 14 anos* (2004, de Marcio Schoenardie), do projeto *Histórias Curtas*. A partir disso, passou a ser chamado diretamente pelo Núcleo de Especiais, trabalhando como *free lancer*. A continuidade lhe dá uma visão histórica e a percepção das transformações ao longo do tempo:

Eles têm um cronograma para o comercial começar a vender o programa, os espaços. Aí eles fazem chamadas, fazem um promocional, tem todo um trabalho de empacotamento do negócio, de aprovação que precisa de muita antecedência. Eles têm um rigor de prazo. [...]. Entrou uma produtora lá, a Nice Sordi, que é coordenadora de finalização. Ela se coloca entre a pressão da tevê e a gente; ela amortece essa pressão, tentando dar o máximo para a qualidade do trabalho. Ela sempre estabelece um clima bacana de trabalho. Algumas pessoas com quem eu havia trabalhado antes repassavam essa pressão, e quando tu estás tentando resolver coisas de montagem, isso pode te engessar, mas o cara que vai trabalhar com tevê tem que estar preparado para levar pressão. A televisão tem um pouco menos de pressão que a publicidade, pelo menos na área de teledramaturgia. (SOARES; BERNARDI; ROSSINI, 2011).

Outra tensão observada é quanto às possibilidades artísticas aspiradas a partir de um produto que gera uma dubiedade em função de sua configuração. A duração incomum de um programa dramaturgicamente de quinze minutos na televisão, e que é exibido sem intervalos comerciais, se confunde com a tradição do curta-metragem no cinema brasileiro, que é particularmente forte no Rio Grande Sul. Há várias décadas, este é o formato mais viável de produção cinematográfica no Estado.

Produzir curta-metragem para a televisão, porém, implica compreender as especificidades estéticas e narrativas que são próprias do meio. Nem todos os profissionais que, ao longo dos anos, trabalharam com o Núcleo de Especiais conseguiram dar conta das demandas próprias do meio televisivo. Observa-se uma atitude pragmática entre aqueles que compreenderam esses aspectos, mantendo vínculos fortes de trabalho com a emissora.

Eduardo Antunes é diretor de arte com experiência em publicidade e cinema, especialmente em longas-metragens; um de seus trabalhos foi no filme *O Cerro do Jarau* (2005, de Beto Souza). Ele é um colaborador constante do Núcleo de Especiais, onde começou com o episódio *Maldição de Santa Isabel* (2009, de Bruno Carvalho), do projeto *Histórias Extraordinárias*. É um profissional da criação que tem consciência sobre as diferenças entre a televisão e o cinema na constituição de uma estética e de uma poética:

Às vezes tem coisas que são bonitas, mas não encaixam. No *Histórias Curtas*, os elementos cênicos ajudam a contar, mas tudo pode ser tirado, pois são apenas uma construção visual. Quem está em casa só percebe o ritmo e uma ideia com a qual já está acostumado. Não adianta subverter, pois o público não vai se identificar. O grande barato é o respeito ao observador, pois eu não posso pensar que eu sou um gênio e “azar o deles que não me entendem e são burros.” Não é assim que a televisão funciona, mas no cinema há essa liberdade, porque se faz o que se quer com o próprio filme. (BERNARDI; ROSSINI, 2011).

Juliano Lopes é um fotógrafo com mais de vinte anos de mercado, com experiência em película. Trabalhou em mais de quinze longas, sessenta curtas, documentários, clipes e muita publicidade. Em 2001, fez o primeiro trabalho para RBS, compondo a equipe de um projeto para o *Histórias Curtas*. Ele compara cinema e televisão no âmbito da fotografia:

Na realidade, não tem muita diferença. Para fazer uma cena, as necessidades acabam sendo as mesmas. É quase tudo igual na captação. Só muda o contraste; na TV não pode ser muito escuro, é preciso mostrar mais as coisas. Claro, se a filmagem é em 35mm, tem uma equipe maior, mas aí também o orçamento tem que ser maior. As pessoas acham que muda muito, mas na verdade acho que não tem muita diferença. (SOARES; BERNARDI; ROSSINI, 2011).

Alguns profissionais, inclusive, demonstram uma grande sintonia com a ideologia e os procedimentos do Núcleo de Especiais. René Goya Filho é um deles. Roteirista e diretor de cena da produtora Estação Elétrica, tem experiência em televisão. Em seu currículo está a transmissão ao vivo do evento *Planeta Atlântida*, coordenando o conteúdo gerado por mais de uma dezena de câmeras. É colaborador do Núcleo desde a primeira série, *20 gaúchos que marcaram o século XX*, de 1999 (dirigiu o documentário sobre Getúlio Vargas). Ele defende:

Essa parceria da produção independente com uma tevê comercial é um caminho maravilhoso pra quem realiza, pois permite que as pessoas enxerguem o teu trabalho. [...]. No geral, a gente se entende muito bem, por estar muito tempo trabalhando com eles e conhecendo o jeito que eles gostam. Temos muitas coisas em comum de como ver o mundo. (SOARES; BERNARDI; ROSSINI, 2011).

Um dos profissionais que vem trabalhando mais recentemente é o diretor e roteirista Boca Migotto, professor no Curso de Realização Audiovisual da Unisinos. Ele estudou cinema na *Saint Martins College of Arts and Design*, em Londres, e é Mestre em Comunicação. Tem desenvolvido vários projetos com a RBS TV, um deles é a série

Sapore d'Itália (exibida em 2012), que foi filmada no interior do Rio Grande do Sul e na Itália, misturando romance e comédia. O diretor manifesta o mesmo pragmatismo sobre as possibilidades de propor novos formatos para o horário:

O experimentalismo não é bem o espaço ali, porque a televisão se mantém no ar porque existe um patrocinador que paga por uma demanda do telespectador. E o telespectador só vai assistir se ele gostar e entender a história, e ele só vai entender e gostar se a história for simples, agradável, tiver humor ou tiver um apelo popular interessante pra ele. A televisão não é um lugar pra fazer experimentação; experimentalismo é no “cinema”. Não é por ser a RBS; não dá pra ir por esse caminho, sabe: “ah, vamos criticar a RBS, porque eles fazem sempre as mesmas historinhas, para o mesmo público”. É uma TV aberta, é uma TV privada, eles têm que ganhar dinheiro e é isso; pra ganhar dinheiro é preciso de espectadores. (SOARES; BERNARDI; ROSSINI, 2011).

O depoimento de Gilberto Perin, Diretor do Núcleo de Especiais, corrobora as afirmações feitas por esses profissionais:

No começo as pessoas não entendiam e queriam uma coisa só autoral. Eu brincava com eles que dos quinze minutos eu dava um minuto de autoral, e se isso fosse feito todos nós ficaríamos felizes, mas vai ter que ter quatorze de encomenda. No começo era traumático, pra mim e pra eles, óbvio, mas as pessoas foram se adequando, e hoje fazem curtas que são coisas maravilhosas, independente de ser TV. (ROSSINI; LUNARDELLI; SOARES; BERNARDI, 2011).

Assim como muitos dos entrevistados, Perin também é egresso do campo cinematográfico e encontrou na televisão um espaço de realização audiovisual. Formado em Comunicação Social em 1976, é roteirista, diretor de cena e fotógrafo; também dirigiu curta-metragem para o cinema no início dos anos 1990. É ele quem dá a linha editorial, temática e artística para o Núcleo de Especiais, garantindo a audiência imprescindível para a manutenção do horário.

Das falas dos entrevistados algo que se apreende é a importância da figura central do diretor do Núcleo, garantindo a coordenação de um processo de produção que tem por natureza uma atividade cole-

tiva e multifacetada. Ele exerce esse papel a partir das demandas da televisão (de prazo, de temáticas, de estéticas), mas, pela sua trajetória, atento às expectativas dos realizadores de cinema, como se percebe através de seu depoimento. Da tensão entre a autoria e a encomenda, como diz Perin, surgem produtos que hoje seguem carreiras próprias, para além das telas da televisão gaúcha.

Considerações finais

A partir das falas dos entrevistados, foi possível traçar um panorama do funcionamento da atividade audiovisual no Rio Grande do Sul, atualmente, e os embates surgidos pela diferença nos processos produtivos que se cruzam entre a produção para cinema e televisão. As trocas entre as gerações são constantes e positivas, pois ajudam a introduzir novas possibilidades estéticas nos produtos audiovisuais. Como disse Claudinho Pereira, são os jovens que buscam essas inovações, pois têm coragem para isso.

Quando se pensa, porém, nas possibilidades de trânsito entre os meios, surgem os condicionamentos de um mercado fora do eixo RJ-SP que, ao mesmo tempo em que expande o sistema de formação dos seus profissionais, não expande as bases de financiamentos ou de demanda da produção audiovisual. Isso faz com que aspectos próprios apareçam, e que podem ser encontrados em outras épocas do desenvolvimento do nosso mercado.

Talvez a característica que se ressalta nesse contexto, e que precisa ser aprofundada, seja menos de se pensar em procedimentos novos propiciados pelas convergências tecnológicas e de produção, e mais em atualizações de práticas já existentes no Rio Grande do Sul, e que encontraram, agora, outros modos de se desenvolver. A consolidação do Núcleo de Especiais da RBS vem ao encontro de um antigo anseio, que é de fazer cinema no Rio Grande do Sul de um modo contínuo. Afinal, o que configura um mercado audiovisual é a conti-

nuidade na produção. Na ausência de um circuito cinematográfico que dê conta dessa aspiração, os agentes regionais encontraram-na na televisão.

A gerente de produção da RBS TV, Alice Urbin, ao rememorar a história do Núcleo, já havia evocado a ideia de um sonho compartilhado e a certeza de que se poderia fazer, ‘mesmo muito longe das capitais’, ficção e documentário no Rio Grande do Sul: “sabíamos que, se avisássemos o mundo criativo audiovisual que estávamos pensando nisso, seria uma avalanche de ideias e de projetos”. (URBIN, 2009, p. 26). Tal certeza, que decorria da percepção de um potencial pouco explorado, se materializou e se viabilizou pelo Núcleo de Especiais. Isso deu ao mercado audiovisual gaúcho contornos muito próprios, em que os meios, mesmo tendo suas dinâmicas próprias – de produção, de estética, de modelos temáticos e narrativos – afinaram-se em torno de uma proposta que é a de fazer cinema, independente da janela de exibição.

Referências

- BERNARDI, Á.; ROSSINI, M. de S. *Depoimento de Eduardo Antunes*. Porto Alegre, 5 maio 2011.
- BRITTO, V.; LUZ, J. do V. O sistema de produção de teledramaturgia na RBS TV. *Revista Famecos*, Porto Alegre, n. 39, ago. 2009.
- DUARTE, E. B.; CASTRO, M. L. D. de (Orgs.). *Núcleo de Especiais RBS TV: ficção e documentário regional*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- SOARES, J. A. Z.; ROSSINI, M. de S. *Depoimento Renê Goya Filho*. Porto Alegre, 24 abr. 2011.
- _____; BERNARDI, Á.; ROSSINI, M. de S. *Depoimento de Pablo Chasseraux*. Porto Alegre, 4 maio 2011.
- _____; _____. *Depoimento de Juliano Lopes Fortes*. Porto Alegre, 11 maio 2011.
- _____; _____. *Depoimento de Boca Migotto*. Porto Alegre, 26 maio 2011.
- _____; _____. *Depoimento de André Costantin*. Porto Alegre, 9 jun. 2011.
- _____; _____. *Depoimento de Vicente Nunes Moreno*. Porto Alegre, 20 jul. 2011.

_____; _____. *Depoimento de Alfredo Soares de Barros*. Porto Alegre, 30 out. 2011.

_____; _____. *Depoimento de Gabriela Bervian*. Porto Alegre, 5 maio 2011.

_____; _____. ACKER, A. M.; ROSSINI, M. de S. *Depoimento de Jéssica Luz*. Porto Alegre, 1º nov. 2011.

ROSSINI, M. de S. Cinema na Têvê: um estudo das produções ficcionais da RBS TV. In: BORGES, G., PUCCI JR. R.; SELIGMAN, F. (eds). *Televisão: formas audiovisuais de cinema e televisão*. Faro: São Paulo: Edições CIAC, 2011. p. 185-194.

_____. Convergência tecnológica e os novos formatos híbridos de produtos audiovisuais. In: DUARTE, E. B.; CASTRO, M. L. de. *Comunicação audiovisual: gêneros e formatos audiovisuais*. Porto Alegre: Sulina, 2007. p.165-181.

_____; SOARES, J. A. Z.; BERNARDI, Á. *Depoimento de Claudinho Pereira*. Porto Alegre, 2 maio, 2011.

_____; LUNARDELLI, F.; SOARES, J. A. Z.; BERNARDI, Á. *Depoimento de Gilberto Perin*. Porto Alegre, 15 set. 2011.